

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

FABÍOLA BRAGA BEZERRA

RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA: UMA PARCERIA
NECESSÁRIA

00134/2018
CZBG JCC

CAJAZEIRAS/PB
2010

FABÍOLA BRAGA BEZERRA

**RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA: UMA PARCERIA
NECESSÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Pedagogia apresentado à Coordenação
da Unidade Acadêmica de Educação da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciada em Pedagogia,
sob a orientação da Professora Dra.
Zildene Francisca Pereira.

**Cajazeiras/PB
2010**



B574r Bezerra, Fabíola Braga.
Relação família escola: uma parceria necessária /
Fabíola Braga Bezerra.- Cajazeiras, 2010.
34f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Relação família - escola. 2. Diálogo - pais e
professores. 3. Ensino fundamental. 4. Família -
participação na escola. 5. Aprendizagem. I. Pereira,
Zildene Francisca. II. Universidade Federal de Campina
Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.064.1

Dedicatória

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, por conduzir os meus passos e iluminar a minha mente em cada momento dessa trajetória, tornando-me capaz de superar todas as adversidades. E, em segundo lugar, às pessoas que mais estiveram presentes durante a realização desta monografia, meus grandes e diferentes amores: Wanderly, meu namorado, Camily e Kaillany, minhas sobrinhas. O sorriso contagiante e as palavras de força, por elas consagradas a mim, incentivaram-me a continuar e a enfrentar os obstáculos nos momentos de fraqueza, naqueles instantes em que pensava em desistir.

Agradecimentos

À divindade suprema do universo, essa força maior aclamada Deus, que me conduz, obrando um novo milagre em cada amanhecer, agradeço.

Agradeço aos meus pais, Nivaldo e Eracilma, pelo apoio, carinho e compreensão durante toda a minha trajetória acadêmica.

Ao meu irmão, irmã e cunhado, que me apoiaram e contribuíram para que este trabalho fosse realizado.

Às minhas amigas, pelo incentivo e apoio nas horas mais difíceis. Que Deus ilumine os passos, profissional e pessoal, de cada uma de nós, na longa caminhada que temos pela frente.

À professora, pela orientação e paciência durante todo o percurso para a realização deste trabalho.

Aos mestres, meu agradecimento sincero, porque ser mestre é ser exemplo: de dedicação, de dignidade pessoal e, sobretudo, de amor. Em vista disso, não poderia deixar de dedicar meu respeito e meu afeto por todos os mestres que se dedicaram ao meu processo de crescimento profissional.

A Anacleto Vieira de Sousa, meu amigo, pela sua contribuição neste trabalho de pesquisa fazendo a correção do português.

Aos Alunos que, corajosamente, dispuseram a participar da pesquisa.

À Diretora por ceder o espaço da instituição para que eu pudesse realizar o Estágio Supervisionado em Docência.

RESUMO

Este trabalho apresenta considerações acerca da relação existente entre a família e a escola e a reflexão voltada para a necessidade de despertarmos o desejo de participação. Esta pesquisa foi delineada a partir do seguinte questionamento: a falta de participação da família na escola torna-se um obstáculo para a aprendizagem dos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I? Nossa hipótese nos levou a pensar que o aluno que é acompanhado pelos pais na escola tem um maior e melhor desempenho em suas atividades escolares. Para responder a esse questionamento elaboramos os seguintes objetivos: investigar se o desinteresse dos alunos é pela falta de participação da família na escola e refletir as possíveis conseqüências para o aprendizado do aluno que não tem a participação da família na sua trajetória estudantil. O fenômeno da relação família escola foi discutido a partir do seguinte referencial: Carvalho (2004); Moreira (2008); Nicoletti (2009); Lüdke & André (1980); Szymanski (1995); dentre outros. Dividimos esta monografia em três capítulos: no primeiro trazemos uma discussão teórica a partir de autores que trabalham com a temática família e escola, destacando a possibilidade de envolvimento dos pais nas atividades escolares para além do momento da matrícula. No segundo capítulo temos o Procedimento Metodológico no qual apresentamos a escolha dos sujeitos e do campo onde a pesquisa foi desenvolvida, a importância da relação pesquisador-pesquisado e da caracterização da instituição. No terceiro apresentamos a análise dos dados, momento em que nos deparamos com as falas das crianças referente à participação dos seus pais na vida escolar. Por fim concluímos que a relação família-escola, precisa efetivamente acontecer e para que isso seja possível é necessário que ambos compreendam seu papel diante da educação das crianças, favorecendo uma prática voltada para o acompanhamento e para medidas que nos possibilitem sairmos das teorizações apenas.

Palavras-chave: família, escola, participação e diálogo.

Sumário

Introdução.....	07
1. Relação Família Escola	09
1.1- Envolvimento dos pais na escola.....	09
1.2- Diálogo e participação entre a família e a escola.....	15
2. Procedimento Metodológico.....	24
2.1- Procedimento metodológico.....	24
2.2- Procedimentos para a coleta de informações.....	25
3. Análise de Dados.....	28
Considerações finais.....	32
Referências.....	33
Apêndice A.....	34

Introdução

Para que haja uma melhor qualidade na educação infantil, faz-se necessário, cada vez mais, em um formato de parceria, a participação da escola e da família. Nesse sentido, portanto, propus-me a realizar um exame dessa relação sócio-cultural que envolve duas instituições que são, praticamente, na vida do aluno, as raízes da educação. Com essa proposta delineada, realizamos a pesquisa numa escola municipal que está localizada na cidade de Cajazeiras - PB.

O motivo que despertou o interesse em trabalhar esta temática foi o de, durante a vida estudantil, não ter o acompanhamento dos meus pais. Ao longo dessa jornada, diante desses instantes não preenchidos, havia a necessidade de que eles participassem da vida escolar. Contudo, não há lembranças de que, durante o curso do Ensino Fundamental, eles tenham ido à escola para fazer uma visita, para saber como estava o comportamento enquanto aluno, e se o desenvolvimento escolar transcorria de maneira produtora, ou não. Vale salientar que essa ausência não acontecia unicamente na escola, acontecia também em casa. Meus pais nunca me ensinaram a fazer uma tarefa. Nunca perguntaram como foi a aula. Não me influenciaram para a leitura. Nem tampouco me direcionaram para estudar as provas. Com o passar do tempo fui percebendo que essa situação estava me angustiando, e que hoje entendo o porquê de uma tristeza me abater de quando em vez, deixando-me sem vontade para continuar os estudos.

Ficava revoltada quando ouvia as colegas falarem sobre a ajuda que seus pais lhes davam. Às vezes até presenciava esse auxílio familiar. A minha melhor amiga era filha de uma professora e lembro que, quando eu e minha mãe íamos visitá-las, presenciávamos a mãe dela ensinando todas as tarefas com muito carinho. Essa observação provocava uma reflexão quanto ao porquê dos meus pais não participarem junto comigo na resolução das tarefas, uma vez que eles também sabem ler e escrever. Nem mesmo às reuniões da escola eles compareciam. Minhas professoras sempre perguntavam o porquê de meus pais não participarem das reuniões. Ficava chateada e constantemente informava que eles não podiam. Quando voltava para casa contava para minha mãe que as

professoras tinham perguntado sobre sua ausência na reunião. Minha mãe sempre falava que na próxima iria, mas esse dia nunca chegou.

Durante muitos anos não consegui ser uma pessoa alegre na vida estudantil. Sempre que aconteciam as festas na escola, principalmente as juninas, eu logo pensava: como gostaria que meus pais fossem tais quais os dos meus colegas e participassem com a presença para me verem dançando. Uma criança gosta muito de dançar, de gastar as energias, e de ser vista e elogiada. Essas ausências até hoje me trazem recordações ruins.

Gostaria que tudo isso tivesse acontecido ao contrário, mas, não aconteceu. Infelizmente, não tive o prazer de ter sido acompanhada pelos meus pais.

Tentando analisar essa problemática, resolvi realizar a pesquisa no 4º ano do Ensino Fundamental, fase de suma importância para a criança, na qual ela principia a deixar o período de pensar somente com base no mundo concreto para pensar as subjetividades das coisas. Um dos principais problemas encontrados na escola na qual fiz a caracterização, segundo a diretora, é a falta de estrutura para trabalhar com alunos especiais e também a falta de participação das famílias. A partir desses dados iniciais obtidos na instituição, é que delinee o problema da pesquisa: a falta de participação da família na escola poderá tornar-se um obstáculo para a aprendizagem dos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I.

A minha hipótese é: o aluno que tem a presença da família na escola tem um maior e um melhor desempenho em suas atividades escolares. Hipótese esta, que tem me acompanhado durante muitos anos e agora terei a possibilidade de investigar, na prática, se a presença da família na escola favorece ou não o processo de ensino aprendizagem.

Para responder a esse questionamento, formulei os seguintes objetivos: investigar se o desinteresse dos alunos é provocado pela falta de participação da família na escola, e refletir quanto às possíveis consequências que essa ausência pode gerar durante o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

O referido trabalho está constituído de capítulos, sendo que o primeiro destaca o envolvimento dos pais na escola, o diálogo e a participação da família como parceira. O segundo trata do procedimento metodológico, justificando a opção pela pesquisa qualitativa e o objetivo deste estudo. O terceiro e último capítulo aborda a análise das entrevistas.

1. Relação Família Escola: uma parceria necessária

1.1 O envolvimento dos pais na escola

A relação entre a família e a escola é de relevada importância para uma melhor qualidade na educação, qualidade vislumbrada a partir da participação de pais e mães. Essa participação promove um maior interesse e uma melhor aprendizagem dos alunos, que são acompanhados e têm incentivos por parte dos seus familiares.

Existe a necessidade de se construir uma boa relação entre a escola e a família, pois, na verdade, ambos se completam, já que uma depende da outra para alcançar um objetivo na formação humana, pois segundo Carvalho (2004, p. 44):

Do ponto de vista da escola, o envolvimento ou participação dos pais na educação dos filhos significa comparecimento a reuniões de pais e mestres, atenção à comunicação escolar-casa e sobretudo acompanhamento dos deveres de casa e das notas. Esse envolvimento pode ser espontâneo ou incentivo ou políticas da escola ou sistema de ensino.

Nesse sentido, a política da participação dos pais na instituição de ensino gera tanto a participação democrática quanto o aproveitamento escolar, fazendo com que os pais não se sintam apenas na obrigação de acompanharem seus filhos em casa, mas que, também, acompanhem o desenvolvimento pedagógico na escola.

A parceria dos pais no ambiente escolar favorece uma melhor fluidez da comunicação pedagógica entre educador e educando. Uma das possíveis tarefas dos pais seria, através de um diálogo com os profissionais da educação, concordando ou discordando, debater sobre os aspectos do processo de ensino aprendizagem praticado na escola.

O que podemos perceber, diante dessa perspectiva de mudança de relacionamento dos envolvidos, é que o ponto de partida da parceria depende dos professores. A estes profissionais cabe tentar aproximar cada vez mais os pais da escola, fazendo com que a família se sinta responsável pela educação de seus filhos. Observamos que, na contemporaneidade, os pais delegam, quase que em

sua totalidade, esse papel à instituição escolar. Contudo, e justamente por causa desta tendência, os educadores devem esclarecer aos pais que eles não estão isentos da responsabilidade de tomarem decisões, e que, embora pareça ser um dever, está mais para um direito da família acompanhar seus filhos ao buscarem uma maior integração no ambiente escolar, pois, Para Polato (2009, p. 103):

Se a escola e família são os primeiros responsáveis pela educação, era de se esperar uma parceria ajeitada. O que vê, no entanto é uma relação tensa, uma das grandes queixas é a falta de envolvimento dos pais na vida escolar.

Dessa maneira, necessária é a união de ambos, escola e família, para que todos se sintam envolvidos nesse processo de educar as crianças, pois, na esteira dessa intenção, será com o envolvimento dos pais, numa harmoniosa e debatedora convivência com a escola, que as crianças irão evoluir com maior facilidade.

A educação da criança parte da família. É a família que tem um papel fundamental no que diz respeito a sua vida escolar. A partir do momento em que os pais se conscientizarem que têm o dever e o direito de estarem presentes na escola, o processo de ensino-aprendizagem ocorrerá de maneira dinâmica e significativa.

É preciso que a escola conheça os pais dos seus alunos: saber como eles vivem, se têm boa relação ou não com seus filhos, dentre outros fatores. Conhecer os outros ambientes do cotidiano do aluno ajudará os professores na medida em que, para lidar com eles, saibam as diferenças de comportamentos e os inúmeros conflitos que trazem ou adquirem fora da escola. No entanto, ocorre que, nestes encontros de pais e mestres, os professores apenas reclamam e cobram atitudes sem nem ao menos debaterem o desempenho dos alunos.

Acerca do exposto, Polato considera que os professores querem a participação dos pais para melhorar o desempenho dos alunos, mas nas reuniões o que menos se fala é em aprendizagem. (2009, p. 104) Para conquistar os pais, é preciso que a escola examine e reflita sobre as dificuldades que muitas famílias têm para acompanharem o desenvolvimento escolar das suas crianças. Dificuldades que são percebidas no discurso de muitos professores. Que alegam não saberem mais o que fazer diante de alunos que levam atividades para casa e

as tarefas voltam em branco por falta de um acompanhamento adequado, e orientador, da família.

É de fundamental importância que os educadores, como um todo, saibam lidar com o comportamento de seus alunos de uma maneira que facilite o diálogo e conseqüentemente a aprendizagem. Para que isso aconteça, faz-se necessário debater nas reuniões todos os assuntos de maneira explícita, clara e objetiva, numa tentativa de entender quem é o seu aluno e assim poder organizar estratégias para aprimorar o desenvolvimento da criança.

Quanto maior for o envolvimento dos pais e dos professores melhor será a aprendizagem dos alunos. Se a família se dedicar e se preocupar com seus filhos, sendo carinhosa e ao mesmo tempo cobrando que executem as tarefas dos estudos em casa, isso fará com que aumentem o interesse pela aprendizagem e se envolvam com os assuntos escolares. De acordo com Polato (2009, p. 105):

As reuniões deveriam ser momentos de explicar o planejamento pedagógico, as ações já realizadas e a evolução do aprendizado da garotada, não basta mostrar as notas, os pais precisam entender que os filhos sabem e o que não sabem.

Os educadores precisam atribuir significados nas reuniões e na participação dos pais na escola, e não se preocuparem apenas em discutir somente como anda o comportamento e o desenvolvimento das crianças. Os educadores, nesta perspectiva, devem conceder a fala aos pais, ao mesmo tempo em que discutem o PPP (Projeto Político Pedagógico), para que esses familiares se sintam também parte integrante da comunidade escolar. Existem alguns temas que poderão aproximar ainda mais a família da escola, por exemplo, de maneira resumida: saúde, drogas, mídia e sexualidade. Porque esses temas são de interesse geral e estão inseridos no dia a dia de cada um de nós. Sendo assim, nesse norte, os educadores não podem deixar de solicitar aos pais propostas sobre outros temas para que a escola promova debates e palestras com o objetivo de informar pais e alunos, construindo desta forma uma convivência mais dinâmica e uma circulação de saberes. Uma circulação de saberes que não se pode classificar como unicamente da escola, mas, também, da experiência dos pais dos alunos, que, ao se sentirem igualmente formadores de opinião, passarão a acompanhar os filhos com maior proximidade: incentivando-os e fortalecendo-os cada vez mais.

Sabemos, por sua vez, que há ainda um conflito a ser gerenciado no âmago do próprio professor. Há pais que se comprometem menos na vida escolar de seus filhos, entretanto, do mesmo modo, há pais que se comprometem mais. O conflito está justamente em pesar até onde pode se estender o compromisso dos pais. Têm educadores, com relação à participação destes últimos, que acreditam que a interferência dos pais pode prejudicar a prática pedagógica que é, numa análise mais detalhada, diferente da prática educativa familiar. Segundo Carvalho (2004, p. 45):

Ocorre que a família e pais não são categorias homogêneas e as relações entre família e escola, pais, mães (e outros responsáveis) e professores também comportam tensões e conflitos. Algumas famílias e pais/mães participam mais do que outros, e se os professores por um lado desejam ajuda dos pais, por outro, se ressentem quando este envolvimento interfere no seu trabalho pedagógico e em sua autoridade profissional.

A maneira como a família constrói seu relacionamento com as crianças é reproduzido na escola, e a forma que as crianças se relacionam no meio escolar é transmitido para seus pais em casa. Há aqui uma osmose social. Desse modo, para que haja um melhor desempenho escolar dos alunos é preciso que haja mais participação dos pais ou responsáveis. Contudo, embora o desejo de todos os participantes da escola seja que a família faça parte do ambiente pedagógico, temos que considerar as condições materiais ou culturais de cada um, pois nem todas as famílias gostariam de estar presentes, ou, em outros casos, em decorrência do trabalho dos pais/mães e/ou responsáveis, não podem comparecer rotineiramente às reuniões.

Os pais devem sempre ajudar seus filhos orientando e conversando, entretanto, é preciso que interajam com os professores também, por exemplo: conversando freqüentemente com os profissionais da escola, para saber em que podem ajuda-los, e o que pode ser feito com seus filhos em casa para melhorar o desempenho na sala de aula. Dessa maneira, tanto os professores saberão lidar melhor com as crianças, como os pais irão acompanhar melhor a vida escolar de seus filhos.

A maneira como a família vê o professor de seu filho contribui na formação e no relacionamento da criança na escola, pois à medida que os pais passam a ter

confiança, seus filhos poderão também se sentir mais à vontade com o educador, passando a ter um afeto maior por esse profissional. Uma das grandes dificuldades encontradas nessa relação é quando os dois lados, família e escola, não encontram uma forma de trabalharem em conjunto. Segundo Polato (2009, p. 102):

Pais esperam ações dos professores e esses dizem não caber a eles tais tarefas. Professores, por sua vez, depositam nos pais expectativas que eles não tem condições ou não sabem como cumprir. No meio disso, estão os alunos, que, diante do fracasso escolar, transferem o ônus ao professor. Esse jogo de empurra gera uma serie de equívocos e muitos sobre o relacionamento entre a família e a escola, prejudicando o estudante, que deveria ser a prioridade de todos.

A partir do momento que os pais e os professores se ocuparem da educação, cada qual com suas atribuições, as crianças serão as mais beneficiadas. Contudo, ocorre que, se por um lado, os professores querem que os pais ensinem todas as tarefas e estejam presentes na escola – nas reuniões, acompanhando o desenvolvimento escolar dos filhos –, pelo outro lado, os pais, na maioria das vezes, acreditam que a aprendizagem escolar dos filhos depende exclusivamente do professor.

De acordo com as leituras realizadas, perceberemos que há inúmeros fatores que influenciam no desenvolvimento do aluno, por exemplo, de um modo resumido: o acompanhamento dos pais em casa, uma boa relação entre pais e professoras, e professores bem qualificados. Nesse contexto, os problemas e dificuldades enfrentados no cotidiano escolar, tais como reclamações dos pais, comportamento diversificado dos alunos e a dificuldade na aprendizagem, só serão resolvidos se a escola e a família se unirem e lutarem juntas para buscarem soluções.

É essencial que pais e professores compreendam qual o seu papel diante da educação escolar. Isso proporcionará à criança a oportunidade de construir seus próprios conhecimentos a partir do que ela vivencia, adquirindo habilidades e valores (morais e sociais), organizando, conseqüentemente, a vida do indivíduo direcionando-o para um futuro promissor.

Os modos de educação são variados, pois é fato que temos diferentes sociedades, cultura e conhecimentos, e cada família tem seu modo de educar e cuidar das crianças e de seu lar. De acordo com Carvalho (2004, p. 47):

A educação tem um papel fundamental na produção e reprodução cultural e social e começa no lar família, lugar de reprodução física e psíquica cotidiana, cuidando do corpo, higiene, alimentação, descanso afeto que constituem as condições básicas de toda vida social e produtiva.

Entendemos que os modos de educar, tanto Cultural como Social, variam através das gerações. A formação que os pais dão aos filhos é singular, cada família tem seu modo de educar em casa, e é através da educação, seja na escola ou em casa, que se preparam os jovens para a sociedade.

É de fundamental importância o cuidado com a criança quando se inicia o seu processo de aprendizagem escolar. O que as crianças aprendem na escola será utilizado por toda a vida, por isso é preciso que os educadores estejam bem preparados para falarem com crianças sobre afetividade, respeito ao próximo, sobre sociedade, cultura, raça, sexualidade, etc., porque será dessas relações que elas construirão seu próprio pensamento. Para M. Nogueira & C. Nogueira (1998, p. 61):

Cobra-se que os alunos tenham um estilo elegante de falar, de escrever e até mesmo de se portar, que se mostrem sensíveis as obras da cultura, legítima, que sejam intelectualmente curiosos, interessados e disciplinados, que saibam cumprir adequadamente as regras da boa educação. Essas exigências só podem ser plenamente atendidas por quem foi previamente na família socializado nesses mesmos valores.

Embora a educação vise proporcionar condições de igualdade aos alunos, a sociedade em si não pode cobrar que as crianças tenham um mesmo comportamento, devem ser consideradas as desigualdades Sociais e Culturais que vivenciam, e que ocorre tanto em casa como na escola.

É de suma importância que a escola eduque e ao mesmo tempo cobre, valorizando cada criança em sua individualidade, acolhendo todos da mesma maneira, ou seja, sem diferenciar as crianças pelo nível social, cor, cultura, religião, ou por outra classificação qualquer que qualifique umas em detrimento

das outras. Caberá aos professores acolherem bem aos pais, respeitando suas culturas e seus saberes, para que a participação da família sirva também para se entender os modos de agir de cada criança. Segundo Libâneo (2004, p. 114):

A exigência da participação dos pais na organização e gestão da escola corresponde a novas formas de relação entre escola, sociedade e trabalho; que repercutem na escola nas práticas de descentralização, autonomia, co-responsabilidade, interculturalismo.

Para conseguirmos uma escola de qualidade, não podemos deixar que ela seja uma instituição isolada, pelo contrário, precisamos que ela seja integrada com a comunidade. É necessário que a escola trabalhe com a coletividade, aceitando as propostas e opiniões de todos que dela fazem parte.

1.2 - Diálogo e participação entre a Família e a Escola

Entendemos que a escola precisa estar em perfeita sintonia com a família, uma complementando a outra, tentando, assim, alcançar um maior objetivo na educação e uma convivência produtora com os alunos. Para que haja a construção do diálogo entre a escola e a família, faz-se necessária uma conscientização de todos os setores que participam diretamente dessa construção coletiva que é a educação.

Quando, definitivamente, a comunidade se engajar na elaboração do Projeto Pedagógico, a escola passará a ter um vínculo que envolverá diretores, professores, coordenadores pedagógicos e familiares. O engajamento voluntário, portanto, é uma das estratégias que poderá ser a mais acertada. De acordo com Heidrich (2009, p. 26):

Convidar os pais para conhecer as instalações e principalmente, a equipe pedagógica e os funcionários é fundamental para que eles se apropriem do espaço e se sintam à vontade para fazer parte dele. Esse momento pode acontecer antes ou após a matrícula e serve para que os gestores exponham o funcionamento e a rotina da escola e informem sobre as atividades extra classe. Explique a finalidade de cada ambiente e a função dos profissionais que ali trabalha.

Desse modo, a escola, ao se preocupar com a participação dos pais logo no início do ano letivo, proporcionará à família a oportunidade de se envolverem mais ao longo do ano, abrindo um canal de diálogo sobre os direitos e deveres de cada um, de forma que ambas, escola e família, ajudem a identificar as habilidades e as dificuldades dos alunos. A proposta de engajamento das duas entidades formadoras da criança como cidadão é uma estratégia que criará um espaço de descobertas e experiências de forma coletiva, tendo como objetivo melhorar a aprendizagem dos alunos.

A escola necessita cada vez mais da participação das famílias e também da comunidade, a colaboração de todos provocará nas crianças um interesse maior pela aprendizagem – produzindo suas próprias atividades e respeitando as atividades realizadas pelos colegas –, objetivo principal da educação. De acordo com Heidrich (2009, p. 28):

Ao compartilhar com a comunidade o que as crianças fazem em sala de aula, os gestores mostram o que importa no processo. É possível expor as produções dos alunos nos diferentes espaços da escola e da comunidade durante o ano, de modo que todos os termos tenham a possibilidade de mostrar o que aprenderem.

Desse modo, os pais terão a oportunidade de acompanharem o desenvolvimento dos filhos, observando os cadernos, as avaliações, os trabalhos coletivos e individuais, que são registros que os professores podem apresentar, mostrando o andamento e o avanço dos alunos. Uma das ações, que fará diferença quando a relação família-escola se efetivar, pode ser justamente a aproximação através de eventos vivenciados no ambiente escolar. Segundo Heidrich (2009, p. 30):

A escola pode abrir a quadra, o pátio e até as salas de aula para pais e vizinhos e oferecer atividades esportivas, culturais e sociais, quando esses ambientes não estiverem sendo utilizados pelos alunos. Para que essa iniciativa dê certo, é preciso que a gestão estabeleça normas claras e organize os horários adequados para garantir a segurança dos usuários e do patrimônio, além da utilização compatível com os objetivos da escola.

Se todo o corpo docente se esforçar para que eventos como os citados por Heidrich aconteçam, sempre que possível, a escola passará cada vez mais a crescer, e, coligada ao processo, a comunidade compreenderá melhor a sua realidade. Portanto, e por isso, frisamos enfaticamente que a escola busque as parcerias com esses propósitos educacionais já relacionados, pois todos – professores, gestores, funcionários, pais, alunos e comunidade – são responsáveis pela educação.

Portanto, atuando da maneira que discorremos acima, a escola contribuirá para um maior entrosamento entre todos que fazem parte dela e também daqueles que não fazem. Ao promover uma abertura para os integrantes da comunidade na qual está edificada, a instituição se tornará uma referência, um local não só para o ensino formal, mas também para a visitação dos pais, dos responsáveis ou de qualquer outra pessoa que queira trazer para a escola sua experiência de vida.

Embora saibamos que o diálogo entre a escola e os pais não ocorre com a frequência que deveria, e que, quando acontece, parte quase sempre das mães, o nosso intuito com esse trabalho é nos conscientizarmos que a família deve ter um envolvimento maior com o estabelecimento que representa o local em que se concentra o ensino. À vista da presença maior das mães do que dos pais, o esforço da instituição deveria se pautar em trazer a figura masculina para dentro não só de suas dependências, mas do mesmo modo das atividades extracurriculares, tentando conscientizá-los que a presença paterna também é um fator que auxilia na educação das crianças. O que parece dificultar esse entendimento consiste na má percepção que alguns educadores têm de que essa ausência da figura pátria ocorre como um processo natural, e que é, numa análise superficial, uma presença dispensável. Carvalho (2004, p. 55)

O envolvimento dos pais na educação escolar é desejável apenas medida em que estes puderem se envolver com assuntos curriculares, ocorre que esse envolvimento tem se limitado a obrigação materna, no contexto de uma divisão sexual do trabalho educacional que persiste e é tomada como natural pela própria escola e por seus profissionais do sexo feminino.

É papel do pai acompanhar o dever de casa, dar afeto aos filhos e estimular aos estudos. Contudo, o que mais observamos, na maioria das famílias, são

mães cumprindo sozinhas uma tarefa que deveria ser partilhada com o pai, porque essas senhoras também trabalham o dia inteiro tal qual os homens da casa e ainda têm que cuidar dos afazeres domésticos. Segundo Moreira & Carvalho (2008, p. 37)

Ao discutir os papéis de pai e mãe, e a presença deles na educação da criança, observa que o pai tem com os filhos uma interação mais física e menos íntima, apresentando ênfase nos jogos e no humor, já a mãe centra-se na proteção, afetividade e tarefas de cuidado do dia-a-dia.

Quando se trata de educar e cuidar, sabemos que a mãe exerce a função com uma preocupação maior e é com ela que a criança cria uma afetividade mais acentuada, só com o passar do tempo é que as crianças vão se acostumando a ter a presença dos pais na hora das brincadeiras, passeios, jogos, etc. Assim, para contrabalançar a tendência afetiva pro mãe que faz com que a imagem paterna cada vez menos se envolva nos deveres de casa dos seus filhos, a escola não pode prescindir de chamar a atenção do pai, orientando-o para que possa educar seu filho em conjunto, independente da dificuldade, seja ou por falta de tempo, ou por não ter um lugar reservado em casa para estudar. Outros fatores que podem dificultar o aprendizado são: a tv que fica ligada o tempo todo, outras crianças brincando e fazendo barulho, ou seja, qualquer coisa que possa distrair a atenção no momento do estudo. Portanto, também são dificuldades que devem ser dirimidas pelos pais quando acompanham efetivamente o desenvolvimento escolar de seus filhos.

Todavia, além dos problemas já mencionados, a escola ainda enfrenta a convivência com as desigualdades tanto sociais como educacionais. E esse enfrentamento deve conduzir o ensino de acordo com a realidade dos alunos, facilitando o diálogo entre as diferenças culturais e sociais das crianças. Para tanto, algo paradoxal parece entorpecer o educador: reconhecer as diferenças ao mesmo tempo em que elas não se tornem um preconceito. Em outras palavras, saber reconhecer a diferença – cultural, social, religiosa, dentre outras – e como tratá-la na sala de aula. É por essas e outras razões que o envolvimento dos pais favorece a educação escolar de seus filhos. A proposta consiste em fazer com que a família compartilhe as experiências com os alunos na escola e não apenas em casa, com seus filhos ou suas filhas, de modo que estimule as crianças a

compreenderem o ambiente social e educacional em que vivem, e isso poderá se realizar com aulas dinâmicas que, ao tempo em que promovem a aprendizagem, também divertem com a ludicidade, proporcionando às crianças uma escola menos sobrecarregada. Segundo Nicoletti (2009, p. 15):

Muitas escolas públicas até mesmo acabaram com os recreios, elas dão como motivo o fato de que alguns responsáveis pelas escolas acreditam que sem o recreio, os alunos aprenderão mais, porém, pesquisas pedagógicas provam que as crianças não são capazes de absorver conteúdos quando ensinadas ininterruptamente, elas simplesmente precisam de tempo para descansar entre as aulas.

Ao usarmos a palavra sobrecarregada, temos a intenção de evidenciar que a escola geralmente se detém basicamente ao aprendizado formal e à absorção de conteúdos. Além das instituições trabalharem dessa maneira, alguns pais matriculam seus filhos em outros cursos fora da escola, fazendo com que as crianças estejam sempre ocupadas, não deixando espaço para outras atividades, tais como a brincadeira, que de certa forma igualmente contribuem para a formação desses infantes. Para suavizar essa postura, a escola poderá apresentar atividades que estimulem a criatividade e a reflexão, por exemplo: assistir um filme, brincar com os amigos da vizinhança, ou fazer algumas atividades esportivas com os próprios pais. E, claro, contrabalançando o vigor dos exercícios, um descanso para recarregar as energias. Dessa forma, as crianças passariam a ter prazer quando fossem para a escola. Nicoletti (2009, p. 16) afirma que:

Devemos sempre questionar se vale a pena insistir em tal ou qual agenda, como é o hábito, ou se não é melhor mudar a rotina da criança. O comportamento dos filhos e seu ânimo falam por si, e devemos procurar não nos enganar quanto ao seu estado, sua felicidade e seus anseios, muitos pais infelizmente não querem ver o problema que podem causar e que causam com a cobrança demasiada para assumir uma postura autocrítica, os pais devem trabalhar mais sobre si mesmos e aprender a ser mais tolerante com os filhos, respeitando suas capacidades e desejos, sem oprimi-las, mas sabendo impor limites.

O que pode ocorrer em alguns casos, diante às mudanças de relações interpessoais que rodeiam as crianças, é um desnorteamento dos pais que ficam

um pouco sem saber o que fazer para educar seus filhos. Sendo assim, precisa-se que os pais preparem-se para lidar com as novas atividades tecnológicas, culturais, educativas, esportivas, dentre tantas e tantas outras do mundo moderno. Desse modo, e só assim, poderão acompanhar o desenvolvimento dos filhos em cada etapa: orientando e ajudando, transmitindo experiências e dando carinho. Quanto ao comportamento, explicar-lhes os limites das ações bem como que toda ação poderá ocasionar perdas irreparáveis, parece ser a melhor atitude da família ante as novas tendências sociais, visando, claro, aprimorar a obediência dos filhos em casa e melhorar o comportamento nos ambientes que frequentam.

Os pais não estão preparados, assim, para os filhos terem aquela educação, ai colocam na escola, como se nós professores fossemos responsáveis por tudo. Então quando eles chegam aqui na escola, os alunos é esse o ponto negativo, é essa questão da aprendizagem, são as dificuldades que eles tem em aprender, de se comprometer, é tanta coisa, é como uma bola que vai se levando até o sistema em si, vai fazendo tudo isso e chega a educação do jeito que está hoje. (UNESCO 2007, p. 28)

Nesse sentido entendemos que a dificuldade, que os pais tem para orientar os filhos na educação escolar, é enorme. Não conseguindo resultados em casa, a família passa a cobrar da escola. Já a escola não conseguindo resultados no próprio ambiente de ensino, cobra dos pais. Os pais esperam que os professores resolvam os problemas e os conflitos, e que ao mesmo tempo eduquem seus filhos. Já os educadores, por sua vez, esperam que os pais assumam suas responsabilidades ante o comportamento singular de suas crianças. Contudo, entendemos que essas concepções precisam mudar para que ocorra a parceria tão desejada.

Os pais têm muita dificuldade para lidar com a diversidade que está em volta de seus filhos. As novas relações sociais que as crianças mantêm na escola se tornam muitas vezes estranha para os pais, contudo, é preciso que os pais saibam impor limites para com os filhos, para futuramente não haver a necessidade de se reformular as relações construídas pelas crianças na escola. De acordo com Szymanski (1995, p. 81):

A família tem sido responsabilizada por três fracassos principais na educação de seus filhos, fracasso em formar filhos com

comportamento sociais adaptados no caso de distúrbios comportamentais na delinqüência juvenil, fracasso em propiciar um desenvolvimento mental pleno no caso de criar filhos com problemas cognitivos, candidatos ao fracasso escolar, e fracasso em possibilitar um ambiente adequado ao desenvolvimento emocional criando filhos com problemas psicoafetivos.

Dessa forma, o fracasso escolar, aliado à dificuldade de aprendizagem dos alunos, poderá estar atrelado à família ou à metodologia de ensino que é dada em sala de aula, ou ainda os dois problemas apontados combinados conjuntamente. Ainda hoje, ao que podemos denotar, muitos professores da escola pública estão ou mal preparados ou mal qualificados, ou talvez ambos, para lidar com crianças. Apesar de tantas tecnologias e avanços na educação superior, infelizmente ainda temos muitos professores e funcionários que atuam na escola pública por meio de apadrinhamento político, sem ter uma preparação profissional para cuidar e educar das crianças. Segundo Pattom apud Lüdke & André (1992, p. 117):

O fracasso escolar e a dificuldade de aprendizagem das crianças dos meios populares, ora está centrada em si e nas suas famílias, ora nos técnicos de ensino empregados pelo professor em sala de aula, em outro momento na política e no modelo de administração pública. Muitos educadores tem a mesma ideia fragmentária, professores e diretores tendem a atribuir o baixo rendimento da escola à incapacidade dos alunos e ao desinteresse e desorganização de suas famílias.

Um outro causador do fracasso pode estar atrelado ao fato de algumas crianças virem de uma família humilde, e provavelmente encontrarão muita dificuldade na escola. Nessa situação de pobreza, os pais podem até não ter uma estrutura para acompanharem seus filhos. Dos fatores da falta de estrutura, destacamos que uns alunos têm pais separados, outros os pais usam drogas, e outros os pais não têm emprego. É nesse contexto que, sem atentarem para essas problemáticas, os educadores acabam culpando os pais pelo baixo rendimento da escola, pela incapacidade e pelo desinteresse dos alunos. Já os pais, acuados no seu próprio reduto, não se posicionam para dizerem que esses fracassos estão acontecendo com freqüência dentro da própria escola, e que a culpa não pode ser jogada somente na família. De acordo com M. Nogueira & C. Nogueira (2009, p. 13):

A escola aponta para fora de seus muros toda a responsabilidade pelo fracasso dos alunos situações de alcoolismo e violência domestica, pais que não dão atenção aos filhos etc. Se tal situação alarmante e muitas vezes verdadeira, na falta de instrumentos e assistência profissional adequados, a escola fica paralisada e se fecha sobre si mesma.

As dificuldades são inúmeras, portanto. E somos nós, enquanto pais, professores, funcionários e gestores, que podemos contribuir para que não aumente esse abismo – provável gerador de uma menor capacidade de aprendizagem - entre a escola e a família. Com esse abismo, certamente, os mais prejudicados são as famílias pobres.

A escola, isolada e sozinha, não tem condições de chegar a lugar nenhum. É preciso ter parcerias com todos que fazem parte dela – funcionários, corpo docente, pais e o meio social – para que a interação com o outro, e com seus conhecimentos, possa construir uma escola que atenda as necessidades dos alunos. M. Nogueira & C. Nogueira (2009, p. 39) afirma que:

A pauta da busca da qualidade da educação tem ocupado espaço no cenário social, nas discussões políticas, na mídia e nos movimentos sociais. Já há consenso em afirmar que a participação da família e da comunidade na educação formal das crianças e dos adolescentes tem sido fundamental para a construção de uma educação pública de qualidade.

A relação entre a escola e a família é de uma importância fundamental porque, embora o ensino-aprendizagem formal seja sedimentado na escola, não há como negar que a educação tem sua origem em casa. Portanto, somente um trabalho em conjunto, dos dois setores, possibilitará uma formação de qualidade para as crianças. Será por meio desse trabalho que os alunos se adaptarão melhor à escola e obterão êxito no desenvolvimento escolar. De acordo com Heidrich (2009, p. 26):

Quando o assunto é aprendizagem, o papel de cada um está bem claro, da escola, ensinar e dos pais, acompanhar e fazer sugestões. Porém, se o tema é aprendizagem, as ações exigem cumplicidade redobrada. Ao perceber que existem problemas pessoais que se refletem em atitudes que atrapalham o desempenho em sala de aula, os pais devem ser chamados e ouvidos, e as soluções, construídas em conjunto, sem julgamento

ou atribuição de culpa. Um bom começo é ter um diálogo baseado no respeito e na crença de que é possível resolver a questão.

Nesse sentido, família e escola ensinando, reiteramos a imprescindibilidade de um bom relacionamento entre ambas, mantendo uma parceria e um diálogo contínuo para chegarem à solução dos problemas. O aperfeiçoamento dessa relação trará uma melhor qualidade na aprendizagem das crianças justamente porque o ambiente se tornará da coletividade, construindo laços sociais e afetivos que contribuirão para o desenvolvimento da autoestima e conseqüentemente para a aquisição de conhecimento. Portanto, concluímos que, para suplantarmos as dificuldades educacionais e interacionais, com o intuito de melhorar a qualidade da educação infantil, será preciso um envolvimento de toda a comunidade na qual a instituição de ensino está inserida, pois, possivelmente, apenas desta maneira promoveremos uma educação igualitária e compartilhada por todos: professores, alunos, funcionários e pais.

2. Procedimento Metodológico

2.1- Procedimento metodológico

A relação harmoniosa entre a escola e a família, como já frisamos anteriormente, facilita a aprendizagem dos alunos, melhorando a qualidade na educação infantil. Essa ligação parece se realizar mais facilmente quando a escola cria um espaço propício ao diálogo para que juntos, pais e mestres, possam debater os problemas inerentes ao próprio aprendizado, e conseqüentemente assuntos que incentivem a participação efetiva, e afetiva, da família como um órgão fortalecedor do aluno, reforçando e incentivando a criança a aprender.

Foi, portanto, com intuito de entendermos como se dá o relacionamento entre a instituição de ensino e a família que realizamos esta pesquisa numa escola municipal, localizada na cidade de Cajazeiras - PB, com alunos do 4º ano do ensino fundamental I. Na turma tem 23 alunos, com idade entre 8 e 9 anos, sendo 16 do sexo masculino e 13 do sexo feminino.

Ao chegarmos na escola fomos até à sala da direção onde estava a diretora e outras duas coordenadoras, nos apresentamos como alunas da UFCG e falamos que lá pretendíamos fazer a caracterização e futuramente realizar o estágio. A diretora nos atendeu muito bem. Explicou-nos como funciona a escola e que seríamos bem vindas para fazer a caracterização. Inicialmente nos passou todos os dados da escola, depois nos convidou para conhecermos um pouco mais da instituição. No decorrer da visita sentimos que a escola é organizada e a diretora bem preparada para coordenar o estabelecimento de ensino.

Os critérios que utilizamos para escolhermos a escola foram por já conhecer a escola e os métodos trabalhados, e por ter acompanhado durante dois anos uma sobrinha que lá estudava e vimos que ela tem um bom desempenho escolar.

De acordo com a conversa que tivemos, um dos maiores problemas encontrados na escola foi com relação à estrutura e a relação com alunos especiais, assim como a falta de contato mais próximo com a família.

A escola tem quatro coordenadores pedagógicos, um gestor, dois vice-diretores, sete auxiliares de serviços gerais, dois disciplinarias, seis merendeiras, três vigilantes e quatro porteiros.

A estrutura pedagógica da instituição está organizada a partir de um planejamento mensal ou de acordo com a necessidade da escola.

Na instituição são realizados vários projetos, tais como: higiene bucal, meio ambiente, plantas medicinais e farmácia viva. Existem, ainda, projetos para recreação, esporte, dança e teatro.

A escola dispõe de biblioteca que é utilizada através de projetos e momento de leitura.

A escola dispõe de quinze professores na parte da manhã e quatorze na parte da tarde. A instituição conta com quatro professores contratados e onze efetivos, no qual três professores residem em outra cidade e os outros em Cajazeiras - PB. A faixa etária dos professores é de 25 a 50 anos.

A secretaria de educação do município, o coordenador pedagógico e a escola são responsáveis pela formação dos professores com propósito de estudo.

Pela manhã a escola funciona com duzentos e cinqüenta alunos e na parte da tarde com duzentos e quatro. Os alunos são avaliados de forma qualitativa e quantitativa. A escola se reúne com os pais a cada três meses e a situação socioeconômica dos alunos é de baixa renda.

Ao terminar nossa caracterização na escola, senti que a mesma tem uma grande estrutura e as pessoas que nela trabalham são bem capacitadas.

2.2 - Procedimentos para a coleta de informações

Mediante as leituras realizadas, pudemos ter uma maior clareza com relação à observação do pesquisador quando realiza uma entrevista. Necessário é que o observador esteja bem preparado em relação aos estudos que vai realizar e que faça um bom planejamento, definindo bem o foco da observação, Pattom apud Lüdke & André (1980, p. 26) afirma que:

O observador diz: ele precisa aprender a fazer registros descritivos, saber superar os detalhes relevantes dos treinos, aprender a fazer anotações organizadas e utilizar métodos rigorosos para validar suas observações. Além disso, precisa preparar-se mentalmente para o trabalho, aprendendo a se

concentrar durante a observação o que exige um treinamento dos sentidos para se centrar nos aspectos relevantes. Esse treinamento pode ocorrer em situações simuladas ou no próprio local em que ocorrerá a coleta definitiva de dados, bastando para isso que seja reservada uma quantidade específica de tempo para essa atividade.

Desse modo, o pesquisador deve descrever bem o ambiente, saber como os sujeitos se comportam no dia-a-dia, escrever o mais rápido possível os fatos que acontecem. O observador pode basear-se em experiências pessoais no processo de compreensão e da construção do trabalho. Entendemos que uma aproximação do observador com o campo e com as pessoas facilitará a sua coleta de informações, como também o observador sentir-se-á mais seguro para realizar as entrevistas.

Ao nosso ver, para se realizar uma boa entrevista, é preciso planejar para que haja um diálogo intenso entre entrevistador e informante, ambos precisam se sentir à vontade. Lüdke & André (1994, p. 57) sustenta que:

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela o pesquisador busca obter informações contidas na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objetos da pesquisa que vivencia uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realizações podem ser de natureza individual e/ ou coletiva.

Como sabemos, há vários tipos de entrevistas. Quando ouvimos falar em entrevista, pensamos logo em uma conversa entre duas pessoas que tem algum propósito a ser discutido. A comunicação que ocorre obtém dados e informações que se relacionam aos valores, opiniões e atitudes, entre o pesquisador e os entrevistados.

O entrevistador deve seguir as regras e exigências para a realização da entrevista, respeitando o entrevistado e deixando-o à vontade, usando sempre o vocabulário adequado à situação. Se o informante optar pelo sigilo, o entrevistador precisa ser ético e aceitar a decisão do entrevistado. O ideal é que o entrevistador faça um roteiro com os tópicos mais relevantes para não ficar perdido na hora da entrevista, seguindo assim a seqüência dos assuntos mais simples para o mais complexo. O pesquisador precisa ficar atento para, durante o

diálogo, acompanhar o desenvolvimento do entrevistado, quando este, ao fugir da temática principal, adiciona informações que possam ser pertinentes ao projeto da pesquisa. Portanto, ocorrendo esse procedimento, é dispensável seguir à risca o que foi planejado. Caso contrário, ou seja, a fuga completa do assunto, far-se-á necessário que seja retomado o roteiro para que o objetivo final possa ser atingido. Lüdke & André (1986, p. 37) defende que:

Há duas formas de registros para realizar entrevistas, são por meio de gravações e anotações. A gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente deixando o entrevistador livre para prestar toda sua atenção ao entrevistado. Por outro lado, só registram as expressões orais, deixando de lado às expressões faciais, os gestos, as mudanças de postura e pode representar para alguns entrevistados um fator constrangedor. Já o entrevista feito através de notas durante a entrevista certamente deixará de cobrir muitas das coisas ditas e vai solicitar a atenção e o esforço do entrevistador, além do tempo necessário para escrever.

Qualquer uma das formas de registro, escrita ou gravada em qualquer mídia, é válida. O importante é que o pesquisador esteja bem preparado quanto aos objetivos da entrevista, captando todas as informações fornecidas pelo entrevistado, sejam elas verbais ou gestuais, aliás, neste último caso, qualquer movimento da pessoa que está sendo entrevistada revelará aspectos do comportamento e da cultura, e, numa instância mais profunda, se ele está se sentindo confortável ou não com o direcionamento da conversa. Sendo assim, no que se refere às formas de registro, facilmente percebemos que quando a entrevista é gravada o pesquisador terá mais tempo para observar o comportamento do outro, bem como terá ainda, noutra momento, a oportunidade de avaliar a voz do entrevistado com mais calma e mais detidamente.

Portanto, em conclusão ao exposto, consideramos que a entrevista é uma peça de fundamental importância para a realização do tema a que nos propomos, porque através dela pudemos adquirir informações sobre o objeto a ser estudado.

3. Análise de Dados

As entrevistas foram realizadas por meio de gravação de áudio. Depois, com calma e atenção, transcrevi todas as falas para em seguida organizar todo o material coletado para uma melhor compreensão da fala dos entrevistados.

Com base no meu projeto Relação Família-Escola, elaborei as entrevistas que foram realizadas nos dias 14 e 15 de Abril de 2010 na escola CAIC (Antonio Tabosa Rodrigues), com a turma do 4º ano do Ensino Fundamental I.

Para desenvolver a pesquisa, semi-estruturamos a entrevista a partir da temática a qual nos propomos, o intuito é compreender cada vez mais o quão é fundamental a participação da família na escola.

No diálogo com as crianças perguntamos se os pais procuram saber como foi a aula e a maioria afirmou que sim. Suas respostas foram bem claras pelo que podemos perceber: Paula disse que os pais sempre perguntam, e ela responde se foi boa, se foi diferente, se tem prova, enfim, diz tudo; Gabriel relatou que os pais perguntam se ficou quieto e sempre responde a eles que quando der trabalho ele dirá; Carol afirmou que os pais não perguntam, contudo, mencionou que sua mãe pergunta no primeiro dia de aula; Paulo confirmou que os pais perguntam e ele responde para eles quando é bom, ou quando briga; Ana falou que eles perguntam se fez a tarefa na escola e se tem tarefa de casa.

De acordo com os relatos, podemos perceber que a maioria dos pais acompanha seus filhos no que diz respeito como foi à aula do dia, ou como ele se comportou na escola. Essa preocupação familiar facilita a aprendizagem das crianças na instituição. Nicoletti (2009, p 07), afirma que:

A família traz os limites do espaço mediado por relação afetivas, capazes de propiciar a seus membros o espaço mental necessário para o desenvolvimento do pensamento, capacidade para delimitar fronteiras adequadas entre a falta e o excesso de forma que exista a possibilidade de manter traços afetivos que contenham funções de ouvir, decidir e acompanhar sem ceder a ânsia de eliminar conflitos.

Os pais devem ajudar sempre seus filhos: orientando, conversando, ensinando o que é certo e o que é errado. É papel dos pais participarem da vida

escolar dos seus filhos, pois dessa forma as crianças melhorarão o desempenho na resolução das tarefas, tanto na escola como as que levam para casa.

Ao perguntarmos as crianças se os pais acompanham a lição de casa com eles, tivemos as seguintes respostas:

[...] acompanha, mas é só minha mãe, porque meu pai viaja, minha mãe olha meus cadernos, olha as letras. Paula

[...] não, faço sozinho, é porque a minha mãe vai trabalhar e, quando eu não sei, peço pra minha tia ler direito. Gabriel

[...] não, eu faço sozinha, às vezes meu primo me ensina. Carol

[...] acompanha, mas eu faço de noite com meu pai, minha mãe só fica arrumando a casa. Paulo

[...] acompanha, mas minha mãe não tem muito tempo, aí meu irmão mais velho me ensina, só quando é difícil. Ana

Com base nas falas dos alunos, entendemos que nem todos os pais têm facilidade para acompanhar a lição de casa com seus filhos, os fatores são desde falta de tempo, por trabalhar o dia todo, até o fato de muitos não saberem. M. Nogueira & C. Nogueira (2009, p.34) destacam que:

A lição é importante primeiro porque ocupa as crianças e também porque dar lugar a certa solidariedade familiar, parecem ser entendidas como um atestado de competência do professor, talvez porque permita a eles, dentro de casa, ver que a escola se mostra cansa mente com suas principais expectativas.

Os pais podem, no momento em que estão ensinando a tarefa para seus filhos, conversar, dar carinho, ou seja, ajudá-los a suplantar as dificuldades, proporcionando um aprendizado mais eficaz.

Indagamos as crianças se falam para seus pais quando tiram nota baixa na prova, a maioria afirmou que sim, perguntamos também o que seus pais dizem quando recebem a notícia um tanto quanto preocupante, vejamos seus relatos:

[...] eu não tiro nota baixa, eu estudo todas as provas sozinha. Paula

[...] falo, e minha mãe não fala nada, nem meu pai, eu fazia reforço à tarde, mas agora eu não faço mais, porque minha mãe não tem dinheiro. Gabriel

[...] falo, minha mãe manda eu estudar, só que eu não gosto. Carol

[...] falo, e meu pai manda eu estudar pra tirar notas boas. Paulo

[...] não, porque eu tenho medo da minha mãe brigar, só depois que eu digo quando eu tiro uma nota boa. Ana

O dever dos pais é colocar as crianças para estudar em casa e não apenas esperar que as crianças aprendam na escola. Devem também entender que quando tiram nota baixa na prova a culpa não é só das crianças. Polato (2009, p. 103), afirma que:

A família é o primeiro grupo com o qual a pessoa convive e seus membros, são exemplos para a vida. No que diz respeito a educação, se essas pessoas demonstrarem curiosidade em relação ao que acontece em sala de aula e reforçarem a importância do que está sendo aprendido, estarão dando uma enorme contribuição para o sucesso da aprendizagem.

A partir do momento em que a família tem um convívio exemplar para seus filhos, facilitará a aprendizagem das crianças. O caminho é procurar saber dos seus filhos como estão na escola, como estão as notas, o que está acontecendo de novidade. Visitar sempre a escola para conversar com os professores de seus filhos. Tudo isso é responsabilidade dos pais.

Ao perguntar as crianças se os pais participam de todas as reuniões que acontecem na escola, tivemos as seguintes respostas:

[...] não, minha mãe só vem quando é à noite, porque ela passa o dia no trabalho dela. Paula

[...] vem só minha mãe porque meu pai trabalha. Gabriel

[...] não, só quando ela ta de folga que ela vem. Carol

[...] participa, minha mãe quem vem, é muito difícil meu pai vir, porque ele trabalha, e a noite me ensina as tarefas. Paulo

[...] só minha mãe, porque meu pai é separado da minha mãe, mas tem vez que a minha mãe não vem. Ana

A partir das falas podemos perceber que as mães têm mais interesse em participar das reuniões, embora nem todas participem. Heidrich (2009, p.28) sustenta que:

[...] uma medida simples e bastante eficiente para garantir uma reunião com um fórum significativo é marcada em toda a hora que permitam aos pais comparecer, todos sabem quem homens e mulheres enfrentam duplas jornadas, dividindo o dia entre afazeres da casa e os profissionais.

Na medida em que os pais participarem das reuniões eles mesmo se sentiram mais preparados para acompanhar os filhos em casa, para incentivar as crianças ao aprendizado e a leitura.

Podemos perceber nos relatos das crianças, abaixo, como ocorre:

[...] só minha mãe que fica dizendo, faça mais texto de tarde quando chegar da escola, pra melhorar a letra. Paula

[...] não, eu não ser ler muito, minha mãe que manda eu ler todos os dias, eu não tenho muita preguiça, eu só gosto de escrever. Gabriel

[...] não, eu fico o dia só com meu irmão, a minha mãe quando chega em casa de noite eu já tenho estudado com meu irmão. Carol

[...] tenho, mas o meu pai quem manda eu ler e escrever, manda eu ler um texto grande sem a professora mandar, mas eu já sei ler demais. Paulo

[...] não, mas eu só gosto de ler na escola quando é dia da leitura, eu só leio em casa na hora que faço a tarefa. Ana

Heidrich (2009, p. 26) informa que “O papel do pai e da mãe é estimular o comportamento de estudante nos filhos, mostrando interesse pelo que eles aprendem e incentivando a pesquisa a leitura”.

De acordo com os fatos, portanto, podemos perceber que os pais não estão preparados para estimularem seus filhos ao hábito da leitura em casa. Esse despreparo pode advir do fato de que uma boa fatia dos pais não gostam, ou não sabem, ler. Sendo assim, o trabalho da escola é duplo: além de ensinar aos filhos, deverá também preparar os pais para uma convivência educacional pautada numa parceria entre as duas instituições, a saber, família e escola. Os pais adotando uma postura da prática da leitura – comprando sempre livros ou revistas com histórias ou personagens que a família goste – incentivarão aos filhos que adotem também aquela prática, não simplesmente pelo dever, mas pelo prazer que a própria leitura proporcionará.

Considerações Finais

Diante do que registramos no decorrer desta pesquisa, concluímos que a relação família-escola precisa de uma maior participação das partes envolvidas. A maioria das escolas, assim como a família, ainda está despreparada para os novos desafios do ensino participativo no processo de educação das crianças e dos adolescentes. Nesse processo, concluímos, ainda, que tanto os professores quanto os alunos começam a construir uma nova visão sobre a relação família-escola, possibilitando assim um maior envolvimento e desenvolvimento na escola e na família.

Em suma, este trabalho teve a intenção de colaborar com estudos em relação família-escola, não só no espaço escolar no qual realizei a pesquisa, mais em outros ambientes. É nesta perspectiva que esperamos que esta nossa pesquisa possa surgir como uma trilha para novos questionamentos envolvendo a problemática aqui abordada.

Portanto, diante do trabalho realizado, coloco como positiva toda trajetória vivida, desde a construção da introdução, referencial teórico até as entrevistas, de forma enriquecida no campo pessoal e profissional, no que se refere a minha prática docente, especialmente no trabalho com relação à família-escola.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. **Relações de gênero, modas de evolução, gênero e relação. Escola-família.** 5. Ed. Editora Alternativa, 2004.

HEIDRICH, Gustavo. A escola da família. **Nova escola: Gestão escolar, escola e família,** São Paulo, ano I, nº 3, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: Teoria e prática/ 5.** ed. Editora Alternativa, 2004.

MENGA, Lüdke e MARLI, E. A. André. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** Editora Pedagógica e Universitária Ltda, São Paulo, 1986.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos & CARVALHO, Ana M. A. **Família e educação: olhares de psicologia.** 1. ed.- São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção família na sociedade contemporânea).

NICOLETTI, Maria Aparecida Quesado. Dossiê. **A Família Moderna. Novas constituições e valores redesenham a estrutura familiar contemporânea e trazem para os divãs toda a complexidade dessas inovações.** Ano 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice & NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a Educação.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

POLATO, Amanda. Sem culpar o outro. **Nova escola: Guia do Ensino Fundamental de 9 anos,** São Paulo, ano XXIV, nº 225, 2009.

SZYMANSKI, M. **De que famílias vêm nossos alunos?** In: SERBINO, R. V. & GRANDE, M. A. R. L. (orgs.) **A escola e seus alunos: Estudos sobre a diversidade cultural.** São Paulo. Editora UNESP, 1995.

Unesco. **Repensando a escola: um estudo sobre os desafios de aprender, a ler e escrever.** Brasília: 2007

Apêndice A

Roteiro de entrevista

- 1- Seus pais perguntam a você como foi à aula do dia quando chega em casa?
- 2- Seus pais acompanham a lição de casa com você?
- 3- Quando você tira nota baixa na prova você fala pra seus pais? E o que eles dizem?
- 4- Seus pais participam de todas as reuniões que acontecem na escola?
- 5- Você tem incentivo por parte de seus pais pra ler em casa?